

ENTREVISTA A MANUEL CARVALHO DA CUNHA

06 de Julho de 2016

ENTREVISTADO: Manuel Carvalho da Cunha

Centro de Mar – O seu nome é?

Manuel Carvalho da Cunha – Manuel Carvalho da Cunha.

Centro de Mar – Data de nascimento qual é?

Manuel Carvalho da Cunha – 21/03/1961

Centro de Mar – É natural...

Manuel Carvalho da Cunha – Castelo do Neiva

Centro de Mar – Freguesia...

Manuel Carvalho da Cunha – Castelo do Neiva também...

Centro de Mar – Têm alguma alcunha ou tinha?

Manuel Carvalho da Cunha – Viana do Castelo a cima, Viana do Castelo a baixo...

Centro de Mar – Qual era a profissão que tinha antes de ir para o bacalhau?

Manuel Carvalho da Cunha – Era pescador, fui para a pesca com o meu falecido pai...

Centro de Mar – Com que idade começou a andar no mar então?

Manuel Carvalho da Cunha – Tinha nove anos de idade...

Centro de Mar – Na pesca aqui...

Manuel Carvalho da Cunha – Na pesca artesanal, eu andava na escola, sei lá, terceira, quarta classe, nas férias grandes ia com o meu pai...

Centro de Mar – A nível de habilitações literária é...

Manuel Carvalho da Cunha – Quarta classe...

Centro de Mar – Qual foi a razão, porque foi para a pesca do bacalhau?

Manuel Carvalho da Cunha – Ora bem, pesca do bacalhau foi precisamente por causa de fugir ao serviço militar, por causa de não ir para a guerra, naquela se fosse para a tropa teria de ir para revoluções não é...

Centro de Mar – Claro...

Manuel Carvalho da Cunha – Naquele tempo a malta pertencia a pesca e íamos para a pesca do bacalhau e na pesca do bacalhau a gente cumpria as obrigações... quando deixei a pesca do bacalhau já tinha 30 anos de idade.

Centro de Mar – Foi à pesca do bacalhau...qual foi o primeiro ano que foi?

Manuel Carvalho da Cunha – 1969...

Centro de Mar – O último na foi?

Manuel Carvalho da Cunha – (19)79...

Centro de Mar – Portanto foram 10 anos da pesca do bacalhau...

Manuel Carvalho da Cunha – Sim senhora...

Centro de Mar – Quais são as modalidades que andou?

Manuel Carvalho da Cunha – Pesca à linha no primeiro ano, no segundo ano já puxador, 3 anos na pesca à linha, (19)69, (19)70, (19)71 e depois em 1972 foi o ano em que a eu casei vim aqui para... fiz uma viagem à Senhora das Candeias e depois fui para o....

Carlos Vieira – Portanto embarcou no São Rafael...

Manuel Carvalho da Cunha – No São Rafael, Senhora das Candeias e Rio Lima...São Rafael era de Lisboa e a Senhora das Candeias e Rio Lima era aqui de pesca de Viana...

Centro de Mar – Portanto a categoria que exerceu, foi aquela que falou...portanto, foi pescador não é, pescador à linha não é?

Manuel Carvalho da Cunha – Pescador à linha...

Centro de Mar – E depois no arrasto...

Manuel Carvalho da Cunha – O arrasto fui aprendiz de redeiro e veleiro...

Centro de Mar – Qual era a função de redeiro?

Manuel Carvalho da Cunha – Era trabalhar nas redes. Era concertar as redes.

Centro de Mar – Sim, sim. E de pescador portanto andou 3 anos no Glória e além da pesca Glória, a bordo o que é que fazia?

Manuel Carvalho da Cunha – Escalava o peixe...

Centro de Mar – Escalar o peixe...era escamador não?

Manuel Carvalho da Cunha – Não, não era escamador, era truteiro...

Centro de Mar – Truteiro era...

Manuel Carvalho da Cunha – Truteiro era abrir o peixe.

Centro de Mar – Abrir o peixe, só... portanto o escalador ainda...

Manuel Carvalho da Cunha – Punham em cima de uma mesa haviam os partidores de cabeças, partiram a cabeça depois colocavam o peixe em cima da mesa do escamador, o escamador estava a escamar o peixe

Centro de Mar – Então haviam duas funções o truteiro e o escamador...

Manuel Carvalho da Cunha – Sim...não ou era truteiro, partidador de cabeças, isso era na altura em que não haviam as máquinas de escabeçar e máquinas de escalar também, depois conhece as máquinas do Rio Lima, já mais tarde, na pesca a linha e os anos em que fiz o arrasto era manual...

Centro de Mar – Quantos meses era?

Manuel Carvalho da Cunha – Eu fiz viagens de 6 meses, 5 meses e pouco, ultimamente fiz viagens de 3, 3 meses e tal...

Centro de Mar – Quais são as memórias de saída para o mar numa viagem de 5, 6 meses?

Manuel Carvalho da Cunha – A gente saia mentalizada para aquilo, uma das coisas para ser sincero, não têm assim tanta relevância...o tempo que a gente lá ia estar 5, 6 meses é muito tempo, haviam homens, homens a bordo do navio que cortavam sempre o cabelo e havia malta que rapava o cabelo totalmente, rapavam porquê? Porque já sabiam o tempo em que ia crescer, durante os 6 meses, eu não gostava daquilo, não gostava...eu por acaso nunca usei cortar o cabelo assim, nunca, mas haviam homens que cortavam o cabelo assim, não gostava de ver aquilo porque fazia-me lembrar o tempo que ia estar longe, a bordo do navio, havia gente que estava sempre no mar, a gente fazia... a viagem que fiz a São Rufino saímos de Lisboa e íamos até São Jonas, era sempre uma viagem de 8, 9 dias a lá chegar normalmente com o tempo bom, se estivesse mau tempo é que já levariam 10 dias conforme. Quando saía de Lisboa passamos no Canadá, era para abastecer, meter gasóleo, mantimentos e depois daí é que saíamos para a pesca, para a Terra nova ou Gronelândia, mas normalmente os navios iam mais tarde um bocadinho. No início da viagem pescava mais na Terra Nova depois é que ia para a Gronelândia.

Centro de Mar – Olhe e como era a alimentação a bordo?

Manuel Carvalho da Cunha – A alimentação a bordo...antes do 25 de Abril era assim um bocadinho aquém, não é, mas eu já não fui daqueles anos de fome, mesmo na pesca à linha nunca passei mal...

Centro de Mar – Não?

Manuel Carvalho da Cunha – Não, aliás após o 25 de Abril já eu andava no Rio Lima melhorou bastante, sem duvida, em vez de ter o prato sólido, um prato era por exemplo, carne ou peixe...começaram a vir mais pratos, o prato de peixe, o prato de carne, já havia fruta, já havia café...coisa que antes do 25 de Abril não havia...

Centro de Mar – Não havia nada disso, era um prato e mais nada...

Manuel Carvalho da Cunha – Uma coisa que eu gostava era carnes, queijo, fiambre, chouriço, coisas assim e lembro-me quando às vezes havia aquela fartura que guardava e comíamos nos dias a seguir.

Centro de Mar – Como era a situação com os colegas de trabalho, com os camaradas de bordo?

Manuel Carvalho da Cunha – Era uma coisa que eu não gostava naquela vida, havia de tudo, havia barulhos de vez em quando, havia porrada, também cheguei a levar e dar, naquele tempo...eramos muito novos, a cabeça andava sei lá como, os problemas que eu tive em questão de convivência não foram bem por minha causa, era mais porque havia malta que bebia, às vezes bebia assim um bocado de mais ficavam mais chatos, tornavam-se violentos...

Centro de Mar – Haviam bebidas a bordo? Havia vinho?

Manuel Carvalho da Cunha – Sim, sim, os navios normalmente davam vinho às refeições.

Centro de Mar – E o horário de trabalho qual era? A linha quais eram os horários?

Manuel Carvalho da Cunha – À linha a gente se estivesse mau tempo não trabalhávamos não é, eram os dias em que a gente descansava, agora quando havia tempo bom seguíamos e ia-se pescar diariamente.

Centro de Mar – E a que horas é que aviavam?

Manuel Carvalho da Cunha – Descanso conforme a pesca, se houvesse muito bacalhau para depois escamar e depois salgar às vezes as escalas prolongava-se até à 1, 2 da manhã ou mais.

Centro de Mar – Mas a que horas aviavam os homens?

Manuel Carvalho da Cunha – Por volta das 6 horas da manhã. Seis, seis e pico, havia dias que eu descansava 3, 4 horas se tanto, às vezes nem isso, já na pesca do arrasto, do arrastão recordo-me que as primeiras viagens que fiz talvez no Rio Neiva eram 12h de trabalho e 6 de descanso, trabalhávamos por quartos, ou seja, quarto Capitão, quarto de Imediato, quarto outra vez os pescadores eram divididos por três quartos não é? Cada quarto tinha 6 horas...

Centro de Mar – Era trabalho da ponta esses quartos?

Manuel Carvalho da Cunha – Sim, quando estávamos em cima vá, quando estávamos no quarto em baixo era descansar...

Centro de Mar – Ahhh

Manuel Carvalho da Cunha – Por exemplo eu pertencia ao quarto Capitão, o senhor pertencia ao quarto de Imediato estávamos os dois em cima durante 12h e havia um quarto que estava a descansar, 6h em baixo, ou seja, a descansar e depois ao fim dessas 6h vinha para cima, levantavam-se comiam depois ia o outro quarto, ia estar a trabalhar em cima ou o quarto Capitão ou o quarto Imediato...e aquilo rolava, depois mais tarde começou a trabalhar só com um quarto em cima, ou seja, 6h a trabalhar, 6h a descansar, sempre assim sucessivamente...o navio nunca parava, no arrasto trabalhava-se noite e dia, sempre seguido, sempre seguido.

Centro de Mar – Então largavam a rede quantas vezes ao dia?

Manuel Carvalho da Cunha – Isso é difícil de dizer, quando a gente trabalhava por exemplo 6h a trabalhar e 6h a descansar à vezes vínhamos para cima, quando acabávamos de descansar, íamos começar a trabalhar e às vezes o navio tinha largado a rede de arrasto... pouco antes de a gente vir para cima para começar a trabalhar às vezes7, 8 horas....às vezes nem fazíamos nada, normalmente se não fosse trabalhar no peixe havia sempre trabalho a fazer...ou limpezas ou compor redes, concertar redes, havia sempre...

Centro de Mar – Havia sempre trabalho a bordo, não é? Um pescador tinha sempre trabalho...

Manuel Carvalho da Cunha – Sempre, pescador e não só...

Centro de Mar – E têm assim alguma história que o tenha marcado, que queira relembrar da sua vivência no mar?

Manuel Carvalho da Cunha – Eu lembro-me de maus tempos, felizmente durante os anos que lá andei, não houve nada assim...nunca vi navios em perigo, desde que andei nunca vi nenhum em perigo assim derradeiro, mas pronto, houve maus tempos, quando havia a pesca à linha e depois mais tarde na pesca do arrasto, maus tempos de respeito, normalmente quando comecei a ver aquelas baixas de mau tempo, vento muito forte os navios não trabalhavam,

mudava-se a bordo, amarrava-se tudo, metia-se as portas dentro do navio, tudo piado, tudo amarrado e pronto, andavam milhas e milhas, no mar, ao vento e depois atravessavam, iam para a via,...lembro-me que havia muito temporal, muito temporal...

Centro de Mar – E esses temporais quantos dias demoravam?

Manuel Carvalho da Cunha – Às vezes, 1 dia, 2 dias, 3 dias, às vezes até mais...às vezes 3, 4 dias a gente já andava meia tola, a cabeça andavam sempre no balanço, mas quando haviam assim maus tempos.....do navio parece que se notavam mais cheiros, parece que se notavam mais, a gente...o pessoal da cozinha, cozinheiros...com o mau tempo nem conseguiam fazer comida nem nada, chegou a acontecer às vezes eles desistirem de continuar a cozinhar e diziam “quer se quiser servir que venha até a cozinha...” porque já não se aguentavam em cima do refeitório, ou seja, mau tempo, mau dos maus tempos de respeito recordo-me de uma das viagens que eu fiz no Rio Lima saímos ali de Leixões e fomos pescar para a Noruega, saímos ou em Março, já não sei ao certo, navegamos para Norte, não é, íamos para a Noruega e a chegar ali ao ...apanhamos aí mau tempo, mas mau tempo de... cuidado, mau tempo de uma maneira que o navio teve avaria, devido a muito balanço que o navio tinha na água aquele...debaixo da proa ia encostado ao astro, ou quase encostado, devido a muito balanço aquilo partiu, bateu.....ao bater o navio até estremeceu todo. O impacto foi bastante o... ficou torto, empenado, tivemos de ... ao Porto de Espanha... estivemos lá 10 ou 12 dias mais ao menos isso, uma semana... para seguirmos, para ir pescar para a Noruega, foi aí o ... que eu me recordo assim de mau tempo mais duro, mais forte, e vento... na altura acho que um cargueiro a não sei quantas milhas foi ao fundo, o mar invadiu a casa das máquinas e parece que naufragou...

Centro de Mar – Muito mau tempo...

Manuel Carvalho da Cunha – Na Terra Nova, também tivemos muitos maus tempos, recordo-me que quando tinha assim muito mau tempo todos os navios punham de capa ao tempo e recordo-me quando fiz aquela viagem no São Rafael ver aqueles navios pequeninos como o Gazela era um navio de pesca à linha, era muito pequeno, do Arcos, Crioula, lembro-me de ver esses navios

debaixo de maus tempos, gente de bordo a estibordo, debaixo daquele mau tempo, não sei como aqueles pobres navios tão pequenos conseguiam aguentar o tempo...eles também andavam lá, mas coisa que eu reparava era quando os navios...quando levantavam acima do mar via-se parte, mais de meia parte de navio para a proa, quando estava a cima do mar via-se ado navio...

Centro de Mar – Mas da pesca a linha não tem assim uma memória da dureza, da pesca que era, andar nos dóris sozinhos no meu do mar?

Manuel Carvalho da Cunha – Não tenho assim nada de especial, sei lá, naquele tempo era novo tinha 18 anos, 19, 20...naquela altura não tinha noção do perigo, recordo-me por exemplo quando a primeira viagem que fiz no São Rafael à linha no primeiro dia...o navio tinha pescadores, 70 pescadores salvo o erro, haviam os oficiais, haviam os moços que era o pessoal que trabalhava a bordo do navio, o São Rafael tinha 10 moços ou 12 moços ou lá como era...moços era o nome que lhe davam eles era homens....sei que um dia....de uma vez só em cima do mar com toda a força, eu até estremeci todo, é umas das primeiras recordações que tenho no primeiro dia que comecei a pescar na pesca à linha, desde aí nunca mais fizeram isso...ou já era costume fazer aquilo às vezes...

Centro de Mar – Se calhar era espécie de uma praxe...

Manuel Carvalho da Cunha – Se calhar era, talvez, para experimentar o navio, perder o medo logo e também, sei lá, quando andava sozinho no bote, lembro-me também de um caso que um dia que eu andava a pescar e o tempo estava claro e de repente serrou, serrou nevoeiro, e eu esqueci-me de reparar ondenavio, o São Rafael e eu já estava no..... é uma zona de pesqueiros que....muito baixos e os navios estavam fora das pesqueiras e depois claro, serrou o nevoeiro muito forte, era quase como se fosse noite, o tempo ficou muito escuro, decidi começar a ir para o navio, parar de trabalhar, deviam ser 5h da tarde, já estavam a chamar à algum tempo e sei que não sabia como ia dar com o navio, os navios normalmente estavam todos juntos uns no outros...."É pá o São Rafael está ali"...

Centro de Mar – Mas assustava-se quando acontecia...

Manuel Carvalho da Cunha – Sim, mas já ia à pesca desde pequenino com o meu pai, ele sempre foi à pesca, tinha barcos de pesca e nunca tive assim medo, respeitei sempre o mar, nunca tive...

Centro de Mar – O mar mete respeito mesmo!

Manuel Carvalho da Cunha – Sim, eu tinha medo, pronto, trabalhar...a gente pegava no bote e ia trabalhar, a gente não pensava no perigo queria era apanhar peixe, naquele tempo eu não pensava em ganhar dinheiro, não, eu andava lá para cumprir o serviço militar, eu queria que os meses passassem depressa para vir embora para Portugal e uma das coisas que eu gostava era quando o navio vinha a terra...

Centro de Mar – Essa vivência em terra...

Manuel Carvalho da Cunha – Sim...

Centro de Mar – Como era a vivência?

Manuel Carvalho da Cunha – Sei que quando andei no São Rafael em 69 e 70 salvo o erro, houveram muitos ciclones, muitos ciclones e os navios da pesca à linha quando estavam nuvens em Roques vinham para....fugir ao ciclones, aquele tempo no mar, normalmente ali o navio quando andava no São Rafael era 6, 7h de viagem a chegar a terra era...fazia uma viagens rápida, mesmo que que só fosse um temporal era preferível do que andar aos trambolhões no meio do mar, sie que normalmente aqueles navios que.....iam mais cedo que nós, nós eramos sempre os últimos e depois quando se juntavam os navios todos em terra aquilo era muito navio...

Centro de Mar – Centenas de trabalhadores...

Manuel Carvalho da Cunha – Depois era centenas, centenas de pescadores...depois havia lá...juntavam-se os pescadores dos navios todos havia quem jogasse às cartas, havia quem cantasse, havia quem tocasse viola, havia... sei lá...era convivência. A pesca à linha como a gente...só tomávamos banho quando vínhamos a terra a água lá a bordo daqueles navios era só para lavar a cara ao fim do dia e mais nada e lavar os pés, a gente só tomava banho quando íamos a terra, tomávamos banho lá na cave dos pescadores.....uma viagem que eu fiz no São.....salvo o erro foi em 1970.....e o nosso Capitão que

era o Capitão Fernandes começou a dizer que queria ir pescar para a Gronelândia e influenciou o Capitão do Neptuno a ir pescar para a Gronelândia e assim fomos, fomos pescar para a Gronelândia, da Terra Nova para chegar à Gronelândia eram 2, 3 dias se não estou em erro...chegamos lá começamos a pescar, não sei se isto aconteceu no primeiro dia ou foi passando uns dias, sei que nesse dia aconteceu, não foi no nosso navio, foi no Neptuno, o tempo estava assim...estava mau tempo...mas não estava tempo para não trabalhar, o tempo melhorou, pegamos nos botes e....Segue-se que um dos pescadores desse navio Neptuno faleceu nesse dia, morreu, que era o rapaz que vinha das ilhas, era dos Açores, não sei se era de São Miguel....sei que esse navio Neptuno era um navio maior, maior que o São Rafael, só que em contra partida São Rafael tinha botes mais motorizados, botes com mais motor...e o Neptuno não, tinha muitos botes que não tinham motor...

Centro de Mar – Não tinham motores?

Manuel Carvalho da Cunha – Não, nem todos os botes tinham motor e esse pescador que morreu se não estou em erro do Neptuno ficava livre da tropa nesse ano, acho que era o último ano que ele ia fazer a pesca do bacalhau, depois tinha família no Canadá e ia para o Canadá, morreu...morreu porque portanto, nós estávamos a pescar no mar num pesqueiro, chamavam-lhe o mar da Costa....começou a vir muito vento de repente e parece que esse pescador ao que parece estava só até.....do navio e depois para chegar ao navio...vinha à vela, têm que utilizar os remos....no fundo e morreu...

Centro de Mar – Muito bem, olhe, depois da pesca do bacalhau o que passou a fazer? Qual era a sua profissão a seguir à pesca do bacalhau?

Manuel Carvalho da Cunha – Depois da pesca do bacalhau comecei a trabalhar na pesca, o meu pai tinha um barco de pesca que era o Israel.... Era dele e de mais 3 sócios, o meu falecido pai era sócio e mestre doandei com ele lá, não andei muito tempo com ele lá nesse serviço, é que na altura comecei a andar com ele nesse barco de Israel...andei na pesca do bacalhau até 79, 1979, isto foi para aí em 78, não, salvo o erro até foi em 1979, estava eu a trabalhar aqui nos armazéns da pesca de Viana...estava eu a trabalhar e o meu falecido pai foi lá com o sócio dele comprar 3 redes de pesca...ele foi comprar qualquer coisa e

eu estava lá a trabalhar e ele “estás aqui, se quiseres vir andar ao mar vêm comigo, partilhamos o lugar”, porque eu era filho dele e pronto, foi desde aí que comecei a andar com ele e deixei de andar na pesca ao bacalhau...

Centro de Mar – Este barco andava aqui à costa, não é?

Manuel Carvalho da Cunha – Sim, nós pescávamos aqui em Viana mas pescamos pouco tempo, eu andei com ele 3 anos, pescamos mais em Peniche, Sagres, Portimão, naquele tempo foi... Sagres e Peniche...e Portimão...

Centro de Mar – Portanto era pesca artesanal...

Manuel Carvalho da Cunha – Pescávamos com anzois e corria-se ao peito.... pesca do marisco... o barco trabalhava com duas gabelas naquele tempo não olhamos muitoSagres....o meu falecido pai guiava uma gabela numa ponta.....aparelho.....depois ligava na outra....depois juntavam-se todos no fim.....depois de andar com o meu pai nesse barco, andei com ele 79, 80, 81...não, andei mais que 81, ainda lá andei uns 4 anos porque eu fui para o Canadá em 1985...

Centro de Mar – E o que é que foi fazer para o Canadá?

Manuel Carvalho da Cunha – Fui para o Canadá em Abril de 1985...

Centro de Mar – E o que é que foi fazer para o Canadá?

Manuel Carvalho da Cunha – Fui trabalhar em isolamentos de telhados...

Centro de Mar – Ahh, foi fazer outra profissão...

Manuel Carvalho da Cunha – Sim...depois estive em 1985, em Abril de 1985 para o Canadá estive lá dois anos, sozinho, sem a família, sem a minha mulher e a minha filha, portanto eu fui como turista nessa altura, a minha mulher e a minha filha foram para lá em 87 também turistas mas com passaporte era exigido, estive comigo lá cerca de 3 meses, 4 meses, mais ao menos depois fomos para a América, para os Estados Unidos...

Centro de Mar – Para que zona dos Estado Unidos?

Manuel Carvalho da Cunha – Fui para os Estados unidos depois viemos embora em 1993...

Centro de Mar – Mas e qual foi a zona dos Estados Unidos que esteve?

Manuel Carvalho da Cunha – Eu quando fui para os Estados Unidos fui com ideia de continuar na pesca...

Centro de Mar – Mas e qual foi a zona dos Estados Unidos ...

Manuel Carvalho da Cunha – Fui parafiquei alojadofui influenciado por um irmão meu, ele já lá estava e trabalhava...

Centro de Mar – E aí o que é que foi fazer?

Manuel Carvalho da Cunha – Como?

Centro de Mar – E aí o que é que foi fazer?

Manuel Carvalho da Cunha – Fui lá....ainda fiz uma viagem ou duas.....pesca do bacalhau...

Centro de Mar – E depois?

Manuel Carvalho da Cunha – E depois como eu estava lá e não tinha papéis, estava lá ilegal...e o meu influenciou-me a ir para lá, ele trabalhava na pesca da escalopa, precisas de inglês, ele disse-me...influenciou-me a ir para lá e tudo mais e depois quando lá cheguei, estava lá com a minha mulher e a minha filha, com a família não é, o tempo foi-se passando e tudo mais, já estava lá à um mês e ele “Oh pá tens de ter paciência, não pode ser assim de repente, tenho de ver se arranjo trabalho para ti e tudo mais” e claro, depois ele estava sempre ao mar, era o mestre....pesca, Capitão...e sei que as coisas correram mal e acabei de ter que sair de lá para fora e fui para oe só não vim embora para Portugal naquela altura porque a minha mulher tinha família no Estado detelefonou para o primo dela, estava numa cidade chamada.....a dizer a situação em que nós estávamos, que íamos para Portugal.....”então venham cá para baixo, venham para aqui que a gente ajuda no que puder”, e assim foi, metemo-nos numa camioneta doe foi assim que lá comecei a trabalhar outra vez na mesma profissão que tinha no Canadá, estive a fazer isolamentos....e estive lá até 1993.....fazia descontos como estivesse mesmo legal, só que descontos...eu recebia o pagamento semanal efazia descontos, só que claro, esses descontos...eu trabalhava com o cartão de trabalho em meu nome quando

lá chegamos.....connosco, comigo e com a minha mulher, fomos para uma cidade chamada...fica a oeste do Estado de Nova York fomos lá que lá tinha uma grande comunidade portuguesa, fomos lá para arranjar trabalho e assim arranjamos, pronto...aquele cartão era em meu nome, ainda o tenho em casa mas o número sei lá que número era...se calhar um número falso...

Centro de Mar – Olhe e atualmente o que é que faz?

Manuel Carvalho da Cunha – Eu sou reformado...

Centro de Mar – Reformou-se com que idade já agora?

Manuel Carvalho da Cunha – Portanto eu tenho 65, tinha 62 anos, talvez 62...

Centro de Mar – Portanto atualmente o que é que faz?

Manuel Carvalho da Cunha – Estou reformado...

Centro de Mar – Está reformado, sim senhora...pronto, julgo que conseguimos fazer a entrevista que desejamos, muito obrigado pela sua entrevista, e queríamos agradecer...

Manuel Carvalho da Cunha – Ora esta, de nada...pesca do bacalhau era uma vida dura para toda a gente...tinha de tudo, tinha momentos bons, tinha momentos maus, tinha de tudo...mas já não eram anos, portanto embarquei em 69, 70, 71 isto nos anos que andei na pesca à linha, naqueles anos já não era aquela escravidão que era no tempo do meu pai, o meu pai nadou nos anos 50 o meu pai andou naquela vida salvo o erro 5 ou 6 anos...

Centro de Mar – Em que navio é que ele andou?

Manuel Carvalho da Cunha – Andou no Santiago, pesca à linha, depois do Santiago trabalhou no arrastão....foi um bom pescador...

Centro de Mar – Muito bem Sr. Manuel vamos terminar, se precisar de alguma coisa depois falamos consigo...